

ARTES PLÁSTICAS

Os ases da mídia negra

MATILDE MATOS

O grupo dos jornalistas negros norte-americanos não podia ser mais informal e descontraído. Reunidos no atelier de Domingos Terciliano, pegavam informações com Bryan McFarlane, artista da Jamaica radicado em Massachussets onde ensina no College of Art da Northeastern University e no College of the Holy Cross, Bryan inaugura mostra de pintura na Galeria Canizares da Escola de Belas Artes na noite daquele dia (10). McFarlane, dono de um vigoroso estilo neo-expressionista, foi escolhido em 87 pela Miller High Life para pintar os retratos de 12 dos mais destacados jornalistas desde John B. Russwurm (1799) primeiro negro a obter um diploma de faculdade nos Estados Unidos, a Clarice Tinsley (1953) âncora da KDFW-TV em Dallas, Texas, retratos que compõem a Galeria dos Grandes. Pura coincidência o encontro em Salvador.

No grupo dos jornalistas, Wilbert Tatum que publica o New York Amsterdam News, o mais antigo (1909) e maior jornal do mundo (tiragem de 240.000) de propriedade de um negro. Tatum é co-fundador da Inner City Broadcasting, um conglomerado de trezentos milhões de dólares na mídia negra, com duas estações de TV, 8 de rádio e mais uns 40 outros negócios entre eles, o famoso Apollo Theater. Afirmado gostar muito do Brasil, "do temperamento do povo, do clima, do mar" está no entanto bem consciente de que a economia está totalmente controlada pelos brancos e a famosa integração racial que, nos Estados Unidos, eram levados a acreditar, só existe durante o carnaval, "com os pretos tocando para os brancos dançarem, como diz um pintor brasileiro amigo meu". Enquanto o negro americano se orgulha do seu sangue e acha que "black is beautiful", o brasileiro não quer passar por branco ou mulato. O motivo da visita do grupo é checar a diáspora africana e estudar a experiência negra no Brasil e a intenção se fosse, pecado ser negro! O motivo da visita do grupo é checar a diáspora africana e estudar a experiência negra no Brasil e a integração que Tatum acha "permissiva e bastante complicada".

Earl Calloway é cantor lírico, editor do Chicago Defender e do



Duas Mulheres, quadro de 1978 do artista Bryan McFarlane

Chronicker de Michigan e se diz "assombrado com as similitudes e também com os contrastes da cultura africana na América do Norte a aqui no Brasil". Os maiores pontos de contato ele encontra na música, principalmente nos ritmos e na dança. Calloway é também dono de uma galeria de arte e se admira com a espiritualidade da arte visual brasileira, que atribui à influência africana, do mesmo modo que influenciou a música americana, a primeira expressão dos escravos na forma do "spirituals", que evoluíram depois para os blues e finalmente o jazz. Acha que o principal ingrediente para o desenvolvimento musical é um só, o ritmo, que reconhece ser o mesmo nos negros de qualquer parte do mundo.

Lula Strickland já diz o seu nome rindo, por causa do nosso Lula. Moça jovem, escreve para o Daily Challenge de N.Y. Veio ao Brasil no ano passado e na volta escreveu sobre uma religião africana que florescia no Brasil, e no Brooklyn, o candomblé, cujos terreiros de lá ligados à Casa escreveu sobre uma religião africana que florescia no Brasil, e no Brooklyn, o candomblé, cujos terreiros de lá ligados à Casa Branca daqui só conheceu na volta. O artigo lhe deu um primeiro prêmio de jornalismo e agora foi convidada pelo Brazilian Tourism

Foundation a integrar este grupo. Lula sente que a tradição da cultura africana está bem viva na diáspora, principalmente aqui e acha que é seu papel levar esta informação para os pretos americanos. Ela vê a influência africana na nossa cultura, na arte, na religião, nos costumes e na linguagem e sente que deve ser preservada. "Será uma grande perda se deixar que desapareça".

Outra bem jovem é Patrícia Jones que escreve para o Smithsonian Magazine e para o Emerge Magazine, cultura em geral, política em particular, e N.Y. Diz ter ficado muito impressionada com a complexidade do misticismo do candomblé e, como católica, até um pouco chocada. Também não estava preparada para a pobreza que viu.

Merle English é do New York Newday e Charles Whitaker do Ebony Magazine, provavelmente a mais famosa revista negra do mundo. Simpáticos bem-humorados, fala e riso fáceis como todo bom comunicador, encantaram-se com os trabalhos de Edison da mundo. Simpáticos bem-humorados, fala e riso fáceis como todo bom comunicador, encantaram-se com os trabalhos de Edison da Luz e Domingos Terciliano, Tatum com o propósito de divulgá-los no seu jornal, estações de rádio e TV e galerias.